José Craveirinha, lendo uma mensagem de agradecimento à sua oferta

Obrigado por nos ter honrado

N. 2/7/84

● José Craveirinha recebe Prémio Lótus

Os poetas e escritores moçambicanos prestaram a sua homenagem pública a José Craveirinha, quando este proeminente poeta moçambicano, de renome internacional, recebeu, no último sábado em Maputo, o «Prémio Lótus», atribuído pela Associação dos Escritores Afro-Asiáticos.

Participaram na cerimónia, para além de poetas e escritores, o Ministro da Informação, José Luís Cabaço, o Secretário de Estado da Cultura, Luís Bernardo Honwana, e o Secretário-Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, Rui Nogar.

Ao usar da palavra, Rui Nogar declarou, tratando José Craveirinha com carinho e amizade, que a atribuição do «Prémio Lótus» é uma honra como poeta e moçambicano, distinguido entre outros tantos poetas de renome internacional.

Nogar afirmou que as palavras são insignificantes para exprimir o sentimento dos poetas e escritores moçambicanos. Afirmou, também, que, para além de se assinalar a atribuição deste prémio, o percurso literário e humano de José Craveirinha há muito impunha um reconhecimento público da obra e da vida de poeta, em particular neste tempo conturbado que decorre, entre o que considera ser de amigos e inimigos.

Realçou as qualidades literárias de Craveirinha, mas muito particularmente o facto de o poeta ter usado as palavras como armas de luta pela liberdade e dignidade do seu povo, pela independência da sua Pátria.

E marcando bem nitidamente os princípios da sua formação e da sua actuação, Craveirinha foi claro ao dizer que o seu primeiro prémio foi o de ter uma Pátria e que isso justifica a razão de ele agora receber o «Prémio Lótus».

José Craveirinha disse que o prémio, agora recebido, é uma dívida de honra e que o mesmo traduz fielmente o resultado de um combate pela liberdade e pela paz, reflexo de 40 anos de luta através da arte literária.

Craveirinha disse que, com os seus poemas, apenas quis ajudar a destruir o ódio com o ódio, a guerra com a guerra, para que com amor fosse criado outro amor, elevando sempre os ideais de solidariedade, de amizade e, muito particularmente, de classe.